

Análise do Discurso e formação continuada de professores na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Angela Marina Bravin dos Santos¹

Adriano Oliveira Santos²

Wagner Alexandre dos Santos Costa³

Resumo: Neste artigo, apresentamos e discutimos aspectos fundamentais para a formação continuada de professores da EJA relacionados aos estudos linguísticos. Partimos da leitura de Pareceres oficiais sobre a política educacional dessa modalidade a fim de encontrarmos os argumentos que suscitaram a criação de um curso, direcionado a tais professores, cujo objetivo foi oferecer-lhes possibilidades de reflexão sobre a maneira de trabalhar a linguagem de uso dos seus alunos. Para tanto, a base teórica utilizada sustenta-se na Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, de Patrick Charaudeau (2008), destacando-se dela o Contrato de Comunicação e os Sujeitos do Ato de Linguagem. O material didático consiste em textos de jornais, dos quais o jornal popular *Meia hora* se destaca, já que seus textos permitem observar os diferentes usos da língua. Neste trabalho, apresentamos os resultados que obtivemos com a aplicação do curso e do material produzido para uso nas aulas de Língua Portuguesa na EJA.

Palavras-chave: EJA; Linguagem em uso; Textos jornalísticos.

¹ Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestra em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É professora associada IV do Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ Departamento de Letras e Comunicação (ICHS/DLC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), onde leciona nos cursos de graduação e no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). É autora do livro infantil “Galo Chico”, co-autora do livro “Do stand-up à redação escolar” na educação de jovens e adultos, co-organizadora do livro “Práticas de português”. Atua como membro do grupo de pesquisa ELMEP (Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de português), da UFRRJ. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4390-7337>. E-mail: bravin.rj@uol.com.br

² Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, com pós-doutoramento pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. Graduado em Letras pela Fundação Educacional Unificada Campograndense. É professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), câmpus Engenheiro Paulo de Frontin, onde desenvolve e orienta pesquisas relacionadas a estudos de linguagem aplicados ao ensino de língua materna, com foco em gêneros midiáticos. Líder do GEDICE/CNPq (Grupo de Estudos de Discurso, Comunicação e Ensino), do IFRJ/CEPF. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2734-0270>. E-mail: adriano.santos@ifrrj.edu.br

³ Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, com pós-doutoramento pela Universidade Estadual de Goiás. Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. Graduado em Letras pela Universidade Estácio de Sá. É professor do Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ Departamento de Letras e Comunicação (ICHS/DLC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), onde leciona nos cursos de graduação e no Mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS). Atua como membro do grupo de pesquisa ELMEP (Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de português), da UFRRJ. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4804-6561>. E-mail: wagnerasc@bol.com.br

Introdução

Este artigo reflete sobre a formação dos professores do segmento Educação para Jovens e Adultos (EJA) do Município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, em relação a conhecimentos da área da linguagem. Trata-se de um estudo da perspectiva da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso (Charaudeau, 2008) associado a uma metodologia de ensino-aprendizagem para quem já atua na prática professoral. Tal metodologia foi desenvolvida a partir da oferta de um curso de formação continuada para docentes (de primeiro segmento/anos iniciais) da EJA. O ponto de partida situa-se na leitura de três pareceres oficiais sobre a política educacional da EJA, os quais suscitam a ideia de que esses docentes deveriam receber formação específica relacionada aos conteúdos curriculares que ensinam. Assim, pressupôs-se que recebam formação na área da linguagem, o que levou ao desenvolvimento do referido curso em uma tentativa de atualizá-los quanto aos estudos linguísticos, sobretudo em relação à linguagem em uso.

Os documentos oficiais citados foram publicados em 2000, 2010 e 2020, com um período, portanto, de aproximadamente uma década entre as publicações, espaço temporal significativo para a implementação de mudanças. O primeiro consiste no Parecer CEB nº: 11/2000; o segundo, no Parecer CNE/CEB Nº: 6/2010 e o terceiro, no Parecer CNE/CEB Nº: 6/2020. Esses documentos foram lidos com vistas ao conhecimento do perfil não só dos professores da EJA mas também dos alunos, sempre em relação a aspectos da linguagem. A escolha do gênero discursivo *Parecer* deve-se ao seu caráter opinativo sobre as diretrizes de um documento oficial a ser homologado. As conclusões da leitura levaram ao objeto de ensino do curso: o jornal como insumo para leitura e como espaço para as interações linguísticas. As reflexões sobre os documentos serão desenvolvidas na próxima seção; as relacionadas ao objeto de ensino, na seção 2.

Pareceres oficiais e a formação do docente da EJA

O Parecer CEB nº: 11/2000, que analisou as diretrizes para a EJA, pensadas por vários setores da sociedade no final dos anos 90 do século XX, ressalta a importância de uma formação

docente alicerçada em pesquisas acadêmicas de modo a dar conta da complexidade do público-alvo desse segmento. Trata-se de jovens e adultos oriundos de diferentes regiões do Brasil, sobretudo de áreas distantes das grandes cidades, sem possibilidade, às vezes, de acesso apropriado a uma escola. Para o relator do Parecer, havia a emergência de uma metodologia que não apenas se baseasse na investigação científica mas que fosse exercida por meio dela a fim de apoiar a formação teórico-prática dos docentes para que pudessem desenvolver um ensino “mais rico e empático” (Brasil, 2000, p. 54). Uma vez introduzido na pesquisa, eles teriam base para entender a vida sociocultural dos seus alunos, enriquecendo, a partir dela, os componentes curriculares.

Nesse ponto do Parecer, instaura-se o conflito entre a expectativa quanto à formação docente e a realidade do jovem/adulto estudante. Conforme o texto, formar professores-pesquisadores a fim de atuarem na EJA seria uma das estratégias para amenizar a distância física entre alunos e escola, superando-a e não a negando. Assim, atribui-se à EAD importância significativa para os processos educativos desenvolvidos no âmbito da EJA. Em consequência, a formação do docente-pesquisador também deveria ocupar-se de pesquisas em EAD, sobretudo quanto à relação entre a linguagem em uso dos jovens e adultos da EJA e a linguagem usada em materiais didáticos de EAD.

Deduz-se, portanto, que a compreensão da vida sociocultural desse estudante partiria também de uma distância entre educador e educando, o que certamente consistiria em um obstáculo para o desenvolvimento das pesquisas. De qualquer forma, no final da década de 90, a preocupação, em relação à EJA, já recaía sobre a presença virtual: “A formação de docentes da EJA, com maior razão, deve propor o apropriar-se destes meios” (Brasil, 2000, p. 55). Pressupõe-se, pois, que a formação em pesquisa do professor girasse em torno de cursos específicos sobre EAD na EJA, mas, a julgar pelos assuntos em pauta nesse parecer, os conteúdos relacionados aos componentes curriculares relacionavam-se à área da linguagem em uso, sim, sem, contudo, estarem associados a estratégias específicas de EAD.

Os conteúdos suscitados por tal Parecer dizem respeito exatamente ao universo sociocultural dos alunos, já que o ensino de jovens e adultos, sobretudo o que se realiza à distância, deva estimular e aferir o reconhecimento das habilidades e conhecimentos já adquiridos por eles por meios de recursos expostos no seu cotidiano, como, por exemplo, conhecimentos advindos da leitura de textos jornalísticos acessíveis a quem ainda não alcançou

habilidades mais complexas de leitura e escrita. Além disso, o Parecer CEB nº: 11/2000 deixa bem clara a necessidade de reconhecimento da diversidade humana, à qual, é claro, subjaz a diversidade linguístico-cultural. Voltando ao exemplo citado: no texto jornalístico, a diversidade das regiões geográficas e das camadas sociais dos estudantes está refletida em sua linguagem, uma motivação a mais para a formação do professor da EJA relacionar-se a estudos linguísticos sobre linguagem em uso.

O Parecer CEB Nº: 6/2010 reexamina o Parecer CEB nº: 11/2000 e identifica três questões a serem reorientadas: “(1) duração e idade mínima para os cursos de Educação de Jovens e Adultos; (2) idade mínima e certificação para os exames de Educação de Jovens e Adultos; (3) a relação Educação a Distância e Educação de Jovens e Adultos” (Brasil, 2010, p. 2). Não houve, pois, explicitamente, nesse parecer, discussões polêmicas acerca da formação docente na EJA, já que as reflexões giraram em torno dessas três questões, mas, ao ser problematizada a relação EAD/EJA, fica subjacente a necessidade de cursos para professores que envolvam estratégias de aprendizagem de educação a distância e, sobretudo, estratégias para o uso da linguagem. Assim, de 2000 para 2010, não se verifica avanço nas discussões quanto à formação docente, inclusive no que se refere a aspectos de diversidade linguístico-cultural.

De 2010 para 2020, a EJA passa por novos questionamentos por conta, principalmente, da implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017. O Parecer CNE/CEB Nº: 6/2020 trata da adequação das Diretrizes Nacionais da EJA aos preceitos da BNCC. Segundo tal parecer, o ajuste

[...] promoverá o enfrentamento das questões relacionadas às características do público atendido, à carga horária adequada às várias formas de oferta, à metodologia de registro de frequência da modalidade, à flexibilização do desenvolvimento do curso, compatibilizando a modalidade com a realidade dos estudantes e o alinhamento da elevação e ampliação da escolaridade profissional, entre outras questões que representam grandes desafios aos Jovens e Adultos. (Brasil, 2020, p. 1).

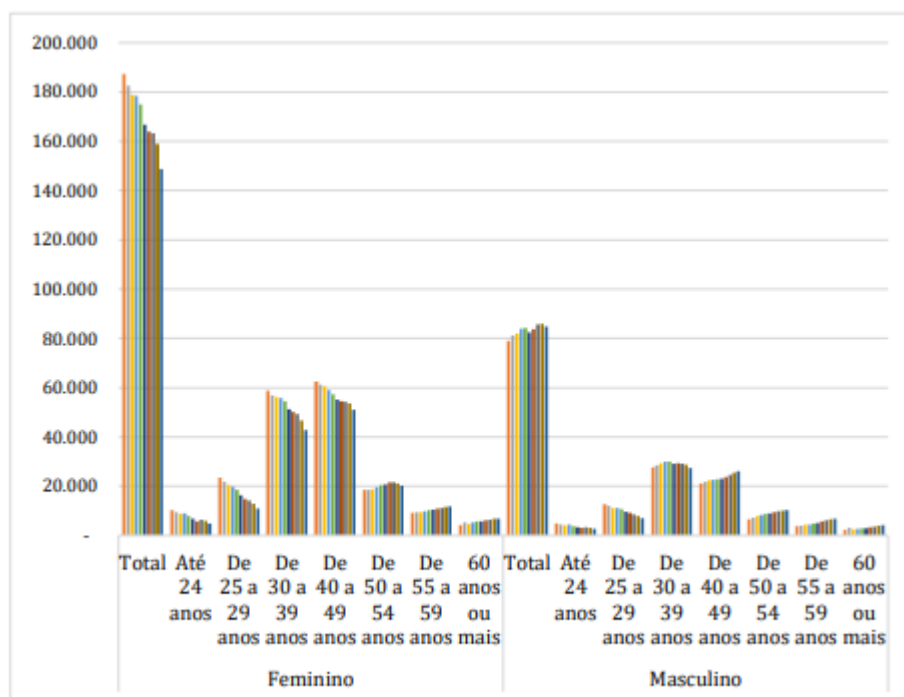
Como se verifica, nesse trecho, a preocupação explícita com a formação docente não aparece, mas a julgar pela exigência do alinhamento da EJA com a BNCC, um dos desafios para esse segmento de ensino diz respeito também à formação do docente, sobretudo em relação

à linguagem. Essas novas diretrizes da educação apontam para uma prática professoral que envolva conhecimentos advindos tanto do ensino tradicional, já conhecido pelo professor, quanto das inovações tecnológicas. O próprio Parecer recomenda que plataformas digitais e materiais didáticos devam ser contextualizados e relacionados com as experiências de vida e faixa etária dos alunos. Nesse sentido, retoma as expectativas apresentadas no Parecer de 2000 e, consequente ou obviamente, suscita uma formação docente em que a linguagem em uso deva ser explorada. Os argumentos apresentados justificam, pois, o Curso de Formação de Docentes da EJA, alocados na cidade de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro. A próxima seção estabelece uma comparação entre esses docentes com um quadro descritivo da realidade brasileira quanto ao perfil dos agentes da EJA.

Professores da EJA: São Gonçalo e a realidade brasileira

A rede municipal de educação de São Gonçalo contava, na época do desenvolvimento do curso, em 2018, com 60 docentes, atuando no primeiro segmento da EJA, ou seja, nas primeiras etapas de ensino, com alfabetização e letramento inicial, as quais se realizam em duas fases, cada qual com duração de um ano. Segundo dados oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo, no ano de 2018, havia 16 escolas de ensino fundamental I, no horário da noite, e 18 escolas de ensino fundamental II, também no horário da noite, com um total de 4.244 alunos matriculados nos dois segmentos. Esses dados, ainda que já defasados, confirmam a complexidade da EJA discutida nos pareceres resenhados quanto ao alunado desse segmento de ensino. Trata-se de alunos fora da faixa etária de alfabetização e letramento inicial, processos que se desenvolvem, na EJA, em curto espaço de tempo e, no caso de tais escolas, de forma presencial.

Os 60 docentes mencionados foram convidados a participar do referido curso, dos quais 30 se inscreveram e apenas 15 participaram dos encontros, sendo todos do gênero feminino, um dado que reflete o perfil dos professores da EJA no Brasil, como observado no gráfico a seguir, capturado de Andrade (2021).



Fonte: INEP (2020 – adaptado pelo autor).

Gráfico 1 Quantitativo de docentes da EJA no Brasil de acordo com o gênero e faixa etária entre 2010 e 2020.
Fonte: Andrade (2021, p. 233).

Como se verifica, o total de professores do gênero feminino entre os anos de 2010 e 2020 mostra-se praticamente o dobro do total verificado para o gênero masculino, resultado que, por si só, já sugere a necessidade de um trabalho com a linguagem em uso que leve em conta essa realidade. Estudos sociolinguísticos, desde a década de 60 do século XX, com base em uma metodologia quantitativa, tomam a variável sexo como uma categoria a ser controlada⁴. Os resultados das primeiras pesquisas apontavam a preferência das mulheres por formas linguísticas mais prestigiadas. É claro que a escolha dessa variável estava relacionada à sociedade da referida década e ao papel social que a mulher desempenhava. Freitag (2015) mostra que, atualmente, os papéis são outros. Julgou-se, por isso, fundamental desenvolver um curso que atendesse a esse público-alvo, porque, apesar do avanço conquistado pelas mulheres

⁴ A Sociolinguística Variacionista consiste em uma abordagem teórico -metodológica de base quantitativa. Os dados analisados sob tal perspectiva são, pois, separados em grupos de fatores e quantificado com o apoio de um programa computacional, como *Goldvarb* e *Varbrul*. Esses grupos de fatores, chamados também de variáveis, passam por três principais fases: coleta, apresentação e interpretação de dados. Esses procedimentos é que estamos considerando controle das variáveis. Dessa forma, ao usarmos a expressão *variável controlada*, queremos dizer que os dados relacionados a um determinado grupo de fatores foram coletados, apresentados e interpretados.

no mundo do trabalho, elas ainda se fazem presentes prioritariamente na área da Educação (IBGE, 2014).

A média da faixa etária das participantes também revela a tendência do perfil dos professores da EJA. Das quinze professoras, apenas uma encontrava-se na faixa entre 25 e 29 anos; as demais, entre 40 e 49. A idade do indivíduo consiste também em uma variável controlada em estudos sociolinguísticos para os quais a faixa etária indica se determinados fenômenos linguísticos estão passando por mudança ou não. A hipótese clássica é que os mais jovens tendem a se apropriar das formas linguísticas inovadoras no sistema, enquanto os menos jovens, ao uso das realizações linguísticas mais conservadoras. No curso desenvolvido, o fato de praticamente todos os docentes inserirem-se na faixa entre 40 e 49 chama a atenção, o que também suscitou um olhar mais atento para o perfil deles. Essa referência à Sociolinguística justifica-se como argumento para evidenciar a importância do público-alvo levado em conta na preparação do referido curso: professoras da EJA, em grande parte, entre 40 e 49 anos de idade. Outras abordagens teóricas também têm fundamentado pesquisas sobre o gênero feminino, das quais destacamos a Análise do Discurso (Charaudeau, 2008) e a Psicologia Social (Moscovici, 2001). Santos (2009), por exemplo, articula essas duas abordagens para mostrar que textos publicitários que envolvem automóveis revelam diferentes imagens femininas. O referencial teórico deste trabalho inspira-se no de Santos (2009).

Análise do Discurso e textos jornalísticos: base para atividades didáticas

A Análise do Discurso, mais precisamente a Semiolinguística (Charaudeau, 2008), relaciona o discurso à sociedade de forma a entendê-los como uma encenação, *mise en scène* (Charaudeau, 2008, p. 75), cujos participantes se circunscrevem na esfera da primeira pessoa do discurso, *eu*, e da segunda, *tu*. Segundo Santos (2009), para interpretarmos um texto, devemos buscar informações acerca dos referentes desse *eu* e desse *tu*, que podem, ou não, estar explícitos ou implícitos na superfície textual. Dessa relação entre *eu* e *tu* se estabelece o que Charaudeau (2008) chama de *Contrato de comunicação*.

Assim, também dessa relação, vão nascer o *eu* comunicante e o *tu* interpretante, que são os seres reais, concretos, os seres do fazer, que estão no circuito externo da linguagem, com

identidade psicossocial, ou seja, o ser de “carne e osso”. O *eu* comunicante, considerando o material usado no curso, consiste nos donos dos jornais; o *tu* interpretante, quem compra o jornal, o público com identidade psicossocial. Quando se entra no discurso, aparecem outros seres: o *eu* enunciador e o *tu* destinatário. O *eu* enunciador fala pelo texto, utilizando estratégias para seduzir o leitor. É o ser do dizer, interno à linguagem. O *tu* destinatário é criado por esse *eu*.

Foi na preparação das atividades didáticas do curso citado que a problemática se instaurou, porque se tornou difícil a identificação desse *tu* destinatário: são os professores da EJA ou seus alunos? Em princípio, a proposta era desenvolver um curso com base em textos jornalísticos a fim de preparar tais professores para o desenvolvimento de ações, em sua prática docente, que levassem em conta, apenas, o jogo entre quem escreve para o jornal e quem o compra e o lê. A hipótese consistia em que os alunos da EJA fossem esses compradores. Assim, transformando os textos em base para as ações, o professor da EJA possibilitaria ao aluno uma linguagem em que ele se reconheceria. Entretanto, a *mise en scène* complexifica as relações, quanto à linguagem, entre quem ensina, para quem ensina e o que ensina, porque não existe só quem escreve e quem lê, mas há um desdobramento desses elementos. Para clarificar essa explicação, segue uma imagem captada de Santos (2009):

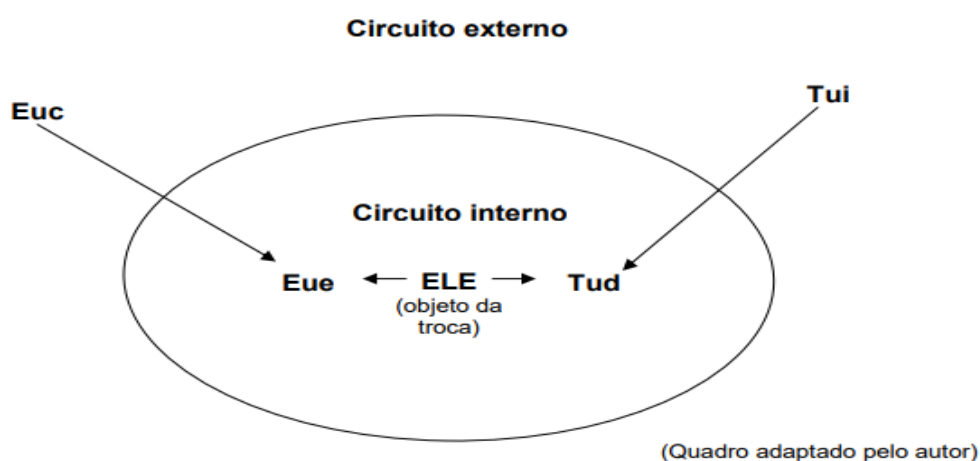


Fig 1 Circuitos do ato de linguagem Fonte: Santos (2009, p. 24).

O autor interpreta nessa imagem o *Contrato de comunicação*. No circuito externo à linguagem, encontram-se o *Eu* comunicante (Euc) e o *Tu* interpretante (Tui); no interno, o *Eu*

enunciador (Eue) e o *Tu* destinatário (Tud), entre os quais se estabelece o objeto de troca, representado na imagem por ELE. O Euc é o que fala ou escreve; o Tui, o que ouve ou lê. Sendo mais específico, o que interpreta o texto. Na interface entre os dois circuitos, o Euc idealiza a imagem de um Tud, que, na verdade, consiste no alvo do seu discurso, sendo, portanto, o participante que deve ser atingido.

Santos (2009) mostra que, além desses desdobramentos dos sujeitos do ato da linguagem, ocorre a projeção que o Euc tem de si mesmo, ou seja, o Euc cria uma imagem de si que vai gerar um Eue. Essa imagem deve encontrar receptividade da parte do Tui, que, por sua vez, cria hipóteses sobre esse enunciador, acabando por construir um outro Eue, com o qual se identifica e no qual acredita. Nesse processo, estabelecem-se a credibilidade e a legitimidade do Eue, e que lhe imprimem autoridade sobre o que enuncia.

Dada a problemática instaurada, optamos por considerar dois *Contratos de comunicação*: o que se estabelece entre o professor-pesquisador, que preparou o material didático, e os professores-alunos e o contrato que ocorre entre os textos jornalísticos e o aluno da EJA. Na primeira relação, o Euc é o professor-pesquisador, enquanto o Eue é a imagem que esse Euc projetou sobre si mesmo. O Tui são os professores da rede municipal de educação de São Gonçalo, que se inserem no perfil já descrito anteriormente. O Tud consiste nos professores-alunos que participam do curso e dialogam com o Eue. Trata-se de um Tud idealizado pelo Euc, ou seja: professores interessados no aprimoramento do trabalho com a linguagem em uso do aluno da EJA e que receberiam o material ofertado pelo curso. Tal material serviria de base para o entendimento das variedades linguístico-discursivas.

Na verdade, a projeção do Tud não alcançou todos os professores-alunos do curso, visto que uma das participantes, de faixa etária mais avançada, recusou-se a dar continuidade a sua participação nas aulas. Os argumentos giraram em torno da rejeição ao trabalho baseado na linguagem em uso do aluno. Ela preferiu abandonar a capacitação a abandonar a perspectiva de que o ensino de língua portuguesa deve ser pautado em estruturas da norma padrão prescrita pela tradição gramatical. Com exceção dessa participante, as demais corresponderam à projeção do Euc, revelando-se, pois, o Tud idealizado.

Em relação especificamente aos textos jornalísticos, estabeleceremos os elementos do *Contrato de comunicação* e, em seguida, discutiremos algumas das atividades desenvolvidas e os resultados obtidos. Nesse caso, Euc, projeta um Tud, que se assemelha ao perfil dos alunos

da EJA, cuja idade é mais avançada e, por isso, provavelmente, são trabalhadoras e trabalhadores que se deslocam para o local de trabalho. Para tal deslocamento, precisam frequentar estações de trem, de barcas e rodoviárias, locais onde encontram jornais com uma linguagem mais próxima a deles, como se apresenta, por exemplo, o jornal *Meia Hora*. Dessa forma, no curso em questão se estabeleceu uma sobreposição de *Contratos de comunicação*.

Para o Tud do Euc, o professor-pesquisador, foram aplicadas atividades com jornais, relacionando interpretação de texto com compreensão, produção escrita e compreensão sobre os usos da língua. A primeira etapa do curso exigiu a coparticipação dos professores, visto que o objetivo era levá-los a entender não só aplicação das atividades em suas respectivas salas de aula, mas também a preparação delas. Como são eles que conhecem os alunos da EJA, essa primeira etapa sinalizou a importância do conhecimento deles para a construção das atividades.

A aplicação das tarefas para os cursistas somou quatro horas na carga horária total do curso, já que foi desenhado para ter uma parte teórico-prática no *campus* onde foi desenvolvido e uma parte prática em campo, ou seja, na própria escola dos participantes.

Para a primeira atividade, foram escolhidas duas capas de jornal, ambas publicadas no mesmo dia (9 de abril de 2009) e com uma notícia em comum entre elas: o confronto entre policiais e bandidos da Ladeira dos Tabajaras. Uma das capas é do jornal *O Globo*, o qual noticia o fato com menos foco que a outra capa, que é do jornal *Meia Hora de Notícias*, que dimensiona a notícia em quase toda a capa. Como *O Globo* é um jornal de referência, com registro de escrita mais formal, comparado ao jornal *Meia Hora de Notícias*, que apresenta uma linguagem mais popular, isto é, com uso do registro informal, foi possível desenvolver questões que criassem a percepção das distintas formas de usos da língua.

O jornal *Meia Hora de Notícias* possibilita ultrapassar a compreensão de texto pelos limites da escrita, pois é um jornal que usa outros recursos além do verbal: cores e balões. O humor é um elemento peculiar do jornal, o que, de certa forma, atenua o tom de agressividade gerado pelas notícias de violência. Além disso, é um jornal corrente em transportes de públicos de massa (trens, barcas e metrô) e presente também em muitas áreas pobres da cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana. É um jornal barato e acessível ao público que frequenta as salas de aula da EJA, experiência já comprovada pelo próprio autor na ocasião em que era professor dessa modalidade de ensino.

A primeira atividade, a de compreensão de texto, teve os seguintes eixos norteadores:

- Localização da informação no espaço do jornal e o assunto abordado.
- Observação na aparência do texto (tamanho da letra, cor, outros recursos não verbais, presença ou não de fotolegenda entre outros); a percepção dos recursos linguísticos e não linguísticos como chamarizes para a atenção do leitor, ou seja, a presença de um tom sensacionalista como recurso.
- Identificação dos possíveis destinatários de cada jornal, quer dizer, o perfil de leitor que se imagina com base no que os jornais propõem: recorte da notícia, os registros linguísticos empregados no texto, entre outros.
- Reflexão sobre os usos da língua que cada texto emprega em seus respectivos jornais. Possibilitar a compreensão de que as construções linguísticas escolhidas por cada jornal em seus textos acenam para o perfil de público de cada jornal. Nos jornais populares, a linguagem é mais informal, encontrando-se nela palavras ou marcas de oralidade; nos jornais de referência, a linguagem é menos informal. Com isso, possibilitar a discussão entre as noções de “certo” e “errado”, “adequado” e “inadequado” no que concerne aos diferentes usos do Português.
- Identificação das cores empregadas nos jornais populares e a colaboração dos aspectos cromáticos como coconstrutora de sentidos. Um exemplo é o emprego da cor “vermelha”, no jornal popular, como elemento simbólico das expressões de violência e agressão.
- Retextualização como forma de desenvolver a habilidade de se manejar os diferentes usos da língua. Esse eixo, embora demande uma produção escrita, de certa forma, também se coaduna com os eixos anteriores, voltados para a compreensão escrita, pelo fato de que para realizar a reescritura do texto, é necessário que o produtor antes se ponha como leitor e interprete o enunciado a ser retextualizado.

Como ilustração, seguem os textos da referida atividade, as expectativas de resposta e uma produção dos alunos da EJA:

TEXTO (01)

1º VOLUME • RESOLUÇÃO LINGUÍSTICA • PÁGINA 1 • LINGUAGEM LINGUÍSTICA • IMPRESSÃO: LINGUÍSTICA • Nº 27 20 21

aglobo.com.br

O GLOBO

ROBERTO MARRASCO (2019) RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 2009 • ANO LXXXV • Nº 27.201

STF: relator vota por fim da Lei de Imprensa

Após mais de dez anos de debate, o relator do STF, ministro Carlos Velloso, decidiu hoje votar pela extinção da Lei de Imprensa, considerada por muitos a principal ameaça à liberdade de expressão no Brasil. O ministro afirmou que a lei é "anacrônica" e "incompatível com a Constituição".

Feitiço vira contra o feiticeiro na altitude de La Paz

Naquele fatídico dia em que Maradona foi expulso do campo de jogo, o feitiço vira contra o feiticeiro. Na altitude de La Paz, a cidade do feitiço, o feitiço vira contra o feiticeiro. O feitiço vira contra o feiticeiro. O feitiço vira contra o feiticeiro.

Brasil participa de socorro de US\$ 1 tri à economia mundial

Lula oferece dinheiro ao FMI; protestos contra G-20 deixam um morto em Londres

NO PALÁCIO DE BRUXELAS, Bélgica, de G-20 e de organizações multilaterais, para uma reunião com o chefe da delegação brasileira, o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, e o primeiro-ministro da Bélgica, Guy Verhofstadt.

Novo tiroteio mata 4 em Copacabana

Dez dias após o confronto que resultou em sete mortos, novo tiroteio entre PMs e bandidos no alto da Ladeira dos Tabajaras voltou ontem a assustar moradores de Copacabana, Botafogo, Humaitá. No confronto, quatro homens não identificados foram mortos.

NOVO TIROTEIO MATA 4 EM COPACABANA

Dez dias após o confronto que resultou em sete mortos, novo tiroteio entre PMs e bandidos no alto da Ladeira dos Tabajaras voltou ontem a assustar moradores de Copacabana, Botafogo, Humaitá. No confronto, quatro homens não identificados foram mortos (Página 19).

TEXTO (02)

MEIA HORA DE NOTÍCIAS

LEO MOURA TÁ ARRENDENDO E QUER VOLTAR PARA PELLA PÁGINA 06

RS 0,60

QUARTA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 2009 • ANO 4 • Nº 1.274

MAIS 4 MORTOS EM COPA

PM DETONA A ORGANIZAÇÃO TABAJARÁS

QUE ISSO, FRAN?

Sister dá aula de sexo no BBB

PERU FOI MOLINHO PARA A SELEÇÃO DE DUNGA: 3 A 0

SEUS PROBLEMAS ACABARAM!

Policia deita vagabundos do Comando Vermelho que estavam escondidos na mata da favela da Zona Sul. Bandidagem ficou sem 13 pistolas, um fuzil e carregamento de munição.

Quadro 1 Atividades didáticas. Fonte: Quadro produzido pela própria autoria (2023).

Questão	Expectativa de resposta
1. Que notícia é compartilhada pelos dois jornais?	1. Confronto entre bandidos e policiais levou à morte quatro pessoas supostamente envolvidas com o tráfico de drogas.
2. Que diferenças se notam na apresentação da notícia divulgada pelo jornal <i>Meia Hora</i> e na apresentação da notícia do jornal <i>O Globo</i> ? Qual delas impacta mais o leitor e por quê?	2. O jornal <i>O Globo</i> é mais discreto, apresentando a notícia em uma chamada ou nota, sem qualquer destaque e também sem qualquer ilustração. O jornal <i>Meia Hora de Notícias</i> , ao contrário, deu destaque à notícia; trouxe a informação na manchete da capa, escrita em letras garrafais em branco e vermelho, sobre um fundo preto. A fotografia, que ocupa a maior parte da capa, é outro elemento que diferencia a apresentação da notícia do <i>Meia Hora</i> . A fotografia de um dos mortos, vítima do confronto, acompanhada de um balão com texto de humor, além das cores,

	são os elementos que colaboram para tornar a notícia do jornal <i>Meia Hora</i> mais impactante.
3. Se pensarmos no leitor do jornal <i>O Globo</i> e no leitor do jornal <i>Meia Hora</i> , é possível afirmar que ambos os jornais foram escritos para todos os tipos de leitores? Comente.	3. Não. Algumas diferenças, observadas nessas capas, fazem que pensemos em públicos distintos. A começar pela linguagem, o jornal <i>O Globo</i> opta pelo registro mais formal, enquanto o jornal <i>Meia Hora</i> prefere o registro mais informal, com uso de expressões bastante coloquiais (“vai tudo pro colo do coisa-ruim”, “detona”, “poliçada”, “deita”...). O jornal <i>O Globo</i> traz mais textos, com informações não só de fatos locais, como de repercussão nacional, enquanto o jornal <i>Meia Hora</i> traz informações de fatos mais locais, com menos textos e mais imagem. A esse respeito, pensamos que o jornal <i>O Globo</i> coteja leitores possivelmente mais letrados e com mais desejo por informação, enquanto o jornal <i>Meia Hora</i> parece cotejar um público diferente nesse sentido.
4. Entre os textos, qual deles tem uma linguagem mais próxima da fala ou da oralidade? Que expressões confirmam sua resposta? Esse modo de se expressar, na sua opinião, é errado? Comente.	4. O jornal <i>Meia Hora</i> tem uma linguagem mais próxima da fala ou da oralidade. O uso de expressões coloquiais (coisa-ruim, poliçada, vagabundagem entre outros) e de formas mais reduzidas (“Copa” por Copacabana, “pro” em lugar de para o) são alguns exemplos. Não são erradas essas formas de se expressar, pois são capazes de construir uma comunicação; no contexto do jornal <i>Meia Hora</i> , essas expressões, inclusive, são até bem-vindas, pois o jornal tem como proposta aproximar-se de um público que se expressa como o jornal.
5. O jornal <i>Meia Hora</i> traz um texto fora do padrão de jornais mais tradicionais, isto é, colorido. Como as cores utilizadas ajudam a construir a mensagem do texto?	5. Noticia-se a morte violenta de pessoas, acompanhada da imagem de uma das vítimas do confronto deitada num lençol ensanguentado. O trecho que informa sobre a morte vem colorido em vermelho que é bastante simbólico: a cor do sangue. A cor colabora para realçar toda a cena de violência que o jornal deseja enfatizar. O preto, que colore o fundo da capa, proporciona uma atmosfera sombria à construção da notícia. Tudo isso não só gera sentido na relação com o texto verbal, como também auxilia na construção de uma notícia mais impactante ou sensacionalista.
6. Reescreva a manchete do jornal <i>Meia Hora</i> , utilizando o registro formal da língua.	6. Mais quatro mortos em Copacabana. PM desmonta/desarticula/desfaz Organização Tabajaras.

Quadro 2 Expectativa de resposta da aplicação didática. Fonte: Quadro produzido pela própria autoria (2023).

Compreensão de texto (Resposta)

1. A morte de 4 suspeitos, no morro dos Talajaras.
2. Notamos que ambos trazem a mesma notícia, porém o jornal Meia Hora, enfatiza a notícia das mortes.
3. Não. O jornal O Globo é uma leitura voltada para as pessoas que possuem o hábito de leitura e um vocabulário maior. O Meia Hora é voltado para as classes populares.
4. O jornal Meia Hora é o que mais se aproxima da fala. As expressões que confirmam a resposta são as gírias utilizadas: "Polizada, Copa..."
Essa forma de se expressar não pode ser considerado errado, já que a fala varia de acordo com a cultura, do local onde se mora e de acordo com o meio social em que está inserido.
5. De acordo com a cor das fontes utilizadas, podemos notar o que o jornal quer transmitir. Ex: Sempre que tem mortes na notícia, as letras são em vermelho.

Quadro 3 Expectativa de resposta da aplicação didática. Fonte: Imagem capturada da produção dos alunos da EJA (2023).

As respostas sinalizam que o aluno compreendeu as diferenças que existem entre os jornais, desde a observação sobre o que cada jornal prefere realçar no conteúdo da notícia (“[...] porém o jornal *Meia Hora*, enfatiza a notícia das mortes” [sic]), até aspectos linguísticos e comportamentais de cada leitor de cada perfil de jornal (“[...]é uma leitura voltada para as pessoas que possuem o hábito de leitura e um vocabulário maior[...]"). O estudante consegue reconhecer o emprego dos recursos tipográficos e do *layout* na organização de ambos os jornais (“De acordo com a cor das fontes utilizadas[...]as letras são em vermelho”). Também é possível perceber o perfil de cada jornal, reconhecendo o caráter popular que o jornal *Meia Hora de Notícias* tem (“O Meia Hora é voltado para as classes populares”). Embora não tenha sido respondida a questão 06, que solicita a reescritura da manchete, as respostas oferecidas pelo estudante e as expectativas geradas pelo Euc foram bem contempladas, pois se projeta um Tui que se coaduna com a pessoa real do Tui, fato que leva ao êxito da atividade.

A segunda etapa, relacionada à produção textual, propunha a leitura de um texto de capa de um jornal popular e, em seguida, a de uma crônica de Rubem Braga, “Os jornais”. A ideia era que o aluno pudesse ter contato com um gênero bastante presente nos jornais (a crônica), além da manchete, da chamada, da fotolegenda, da charge entre outros. Como a crônica provoca a reflexão do leitor sobre os fatos que normalmente não interessam aos jornais para serem publicados, decidimos apresentar ao aluno o desafio de se imbuir do papel de um jornalista e de escrever um texto, no gênero notícia, que pudesse contemplar aspectos positivos da realidade. Como exemplo para aquilo que é discutido pela crônica, selecionamos uma capa do jornal *Meia Hora*, publicada em 2 de janeiro de 2014, em que a violência é mais uma vez estampada. A proposta abrange também os usos da língua: o mesmo conteúdo deveria ser escrito em dois registros linguísticos diferentes, tais como observados nos textos aduzidos nas atividades de leitura. O recurso não verbal (o uso de alguma gravura) foi outro recurso proposto, porém não obrigatório para a finalização do texto. Essa etapa não será ilustrada em função de espaço neste artigo.

Considerações finais

Este artigo buscou contribuir para a formação continuada de professores da EJA quanto aos estudos da linguagem a fim de, por meio da atuação deles em suas respectivas salas de aula, alcançarmos um público que, de acordo com a BNCC, conforme visto na primeira seção, consiste em jovens e adultos, quase sempre trabalhadores, que buscam a ampliação de escolaridade e de conhecimentos profissionais concomitantemente. Uma realidade complexa tanto para esses estudantes quanto para seus professores. A intenção do curso⁵ foi justamente oferecer possibilidades a esses professores de minimizar tal complexidade a partir do entendimento de que a linguagem de uso dos alunos pode ser um ponto de partida para uma interação eficaz entre esses dois agentes da EJA.

⁵ Cabe-nos mencionar, neste ponto, que, embora o Parecer CNE/CEB Nº: 6/2010, p. 2 trate da relação da EAD com a EJA, considerando a EAD como possibilidade para a formação escolar do jovem ou adulto, as atividades desenvolvidas no curso, apresentadas e discutidas neste artigo, foram pensadas para o ensino presencial, que é a realidade das escolas a que pertencia o público docente, participante do curso oferecido pelo autor.

Esse ponto de partida converte-se em acolhimento ao trabalhador que, provavelmente, já chega cansado em sala de aula. Trata-se, enfatizemos, de um ponto de partida e não de parada ou de chegada. O comportamento da professora que abandonou o curso por não acreditar nessa perspectiva revela um ensino moldado pela expectativa de um ponto de chegada já cristalizado: o da norma prescrita pela tradição gramatical. Nesses casos, pressupomos que a atuação desse perfil de professor não gera reflexões sobre as relações entre os participantes dos *Contratos de Comunicação* instaurados pelas escolhas dos recursos didáticos feitas por ele. Inclusive, não o leva a refletir sobre sua atuação como professora da EJA, mulher, de mais de 40 anos, que precisa interagir com jovens e adultos de realidades distintas.

A importância deste artigo está justamente na tentativa de mostrarmos que se o professor não refletir sobre as relações entre os participantes dos *Contratos de Comunicação* corre o risco de não alcançar resultados positivos, já que pode projetar um Tud que não é real como Tui. Tomemos como exemplo o próprio curso aqui descrito. O professor-pesquisador obteve êxito em função de apenas uma professora rejeitar a perspectiva do curso, indicando que o Tud correspondeu ao Tui. A contribuição deste artigo para os docentes de qualquer nível de escolaridade, não só para os da EJA, consiste na busca pela consciência de que, na preparação das atividades didáticas, faz-se necessária uma reflexão sobre o Tud projetado para que as atividades alcancem êxito, ou seja, para que o *Contrato de Comunicação* seja respeitado. Em relação especificamente à EJA, o êxito será alcançado se o professor levar em conta a linguagem de uso de seu aluno.

Referências

ANDRADE, C. R. Tendências da educação de jovens e adultos pós-pandemia de COVID-19. *RTPS: Revista, Trabalho, Política e Sociedade*, Nova Iguaçu, v. 6, n. 10, p. 213-238, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CEB 11/2000*: Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos. Brasília, DF: CNE, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CEB 06/2010*: Diretrizes Operacionais para a matrícula no Ensino Fundamental e na Educação Infantil. Brasília, DF: CNE, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CEB 06/2020: Alinhamento das Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e outras legislações relativas à modalidade*. Brasília, DF: CNE, 2020.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (org.). *Mulheres, Linguagem e Poder: Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 17-74.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SANTOS, A. O. *Perfeito para ele/Perfeito para ela: Representações do ethos feminino/masculino em publicidade com automóveis*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

Discourse Analysis and continuing education of teachers in youth and adult education (EJA)

Abstract: In this article, we present and discuss fundamental aspects for the continuing education of EJA teachers related to linguistic studies. We started from the reading of official Opinions on the educational policy of this program in order to find the arguments that led to the creation of a course, directed to such teachers, whose objective was to offer them possibilities of reflection on the way of working the language of use of the your students. Therefore, the theoretical basis used is based on the Semiolinguistic Theory of Discourse Analysis, by Patrick Charaudeau (2008), highlighting the Communication Contract and the Subjects of the Language Act. The didactic material consists of newspaper texts, of which the popular newspaper *Meia hora* stands out, since its texts allow observing the different uses of the language. In this work, we present the results obtained with the application of the course and the material produced for use in Portuguese Language classes at EJA.

Keywords: EJA; Language in use; Journalistic texts.

Recebido em: 8 de setembro de 2023.

Aceito em: 8 de dezembro de 2023.